ЯЄИДТО СДЯЯЄІЯД
ДРДЯÇДО

Aparição

Renato Carreira

Copyright 2012 Renato Carreira
Smashwords Edition

Smashwords Edition, License Notes

Thank you for downloading this free ebook. Although this is a free book, it remains the copyrighted property of the author, and may not be reproduced, copied and distributed for commercial or non-commercial purposes. If you enjoyed this book, please encourage your friends to download their own copy at Smashwords.com, where they can also discover other works by this author. Thank you for your support.

Edição Smashwords, Termos de Utilização

Obrigado por ter descarregado este ebook gratuito. O seu caráter gratuito não anula os direitos de propriedade registada do autor e não poderá ser reproduzido, copiado ou distribuído para fins comerciais ou não-comerciais. Se gostou deste livro, recomende, por favor, aos seus amigos que obtenham uma cópia em Smashwords.com, onde poderão descobrir outros trabalhos do mesmo autor. Obrigado.

— É inútil! Não vale a pena! — resmungava Evlampy, abrindo caminho a cotoveladas e pisadelas por entre a multidão. — Por mais revoluções que se façam, há-de haver sempre imbecis.

— Burguês! — gritou alguém. Evlampy parou e olhou em redor. Não se conteve.

— Quem foi? Quem disse isso? Apresente-se! — Os olhos a relampejar de fúria fizeram o que cotovelos e pés não conseguiram. Em poucos segundos, havia uma clareira à sua volta do tamanho permitido pela concentração de gente na praça. — Fiquem sabendo que estive em São Petersburgo no assalto ao palácio! Levei com a baioneta de um cossaco na perna e quase que ma cortavam! E para quê? Para nem sequer me darem passagem! Ingratos!

O autor do infeliz comentário não se revelou, mas as palavras de Evlampy Evstahievich Oduvanchikov não foram em vão. Olhos baixaram-se com ar culpado, pés recuaram, desculpas foram murmuradas de maneira quase imperceptível e o ex-combatente coxo lá conseguiu avançar por entre a multidão de bolcheviques eufóricos pela vitória recente.

— Evlampy Evstahievich! Aqui!

O legítimo titular do nome procurou quem o chamava entre a multidão de rostos proletários recém-libertados da opressão de séculos.

— Ficaste cego além de tonto? — Pavel Mitrofanovich Govnov estava mesmo à sua frente.

— Muito espirituoso, Govnov.

— Começava a acreditar que não vinhas — disse, com um sorriso trocista e alisando as pontas do bigode de burguês. Era o único toque de burguesia que lhe podia ser apontado. O seu pai era um servo rural de Krasnodar. Govnov filho viera para Moscovo à procura de melhor sorte.

— Impossível! Passei a vida à espera deste momento. Não o perderia por nada.

— Bem me parecia — respondeu Govnov e deu mais um jeito ao bigode. Exagerou e magoou-se. Não evitou um esgar de dor, que tentou disfarçar em seguida, mas não o suficiente.

— Natasha Alexeievna tentou convencer-me a ficar em casa. Porque está frio, diz ela.

— E realmente está — replicou Govnov.

— Mas de que importa o frio quando se tem liberdade?! — gritou Evlampy. À sua volta, ouviram-se algumas palmas e gritos de "Apoiado!" e "Viva a revolução!"

Estariam uns bons milhares de almas na praça e havia gente empoleirada em cima dos candeeiros e nas varandas mais próximas do chão. Como os proprietários das casas, burgueses ricos e príncipes, tinham fugido, não haveria qualquer problema. Um grupo de rapazes arrombara mesmo uma janela, trazendo duas grandes poltronas para a varanda. Não evitavam o frio gélido do Inverno moscovita mas, pelo menos, permitiam descansar as pernas.

Govnov inclinou-se para o lado e segredou a Evlampy:

— O nosso homem não vem?

O interlocutor não correspondeu ao tom de voz:

— É um homem ocupado — e gritou, sorrindo. — Estará com alguma bailarina lá dentro a explicar-lhe os princípios da luta de classes!

Olhou à volta à espera de gargalhadas. Apenas ouviu um ou outro risinho tímido imediatamente abafado por mais gritos de "Burguês! Burguês!"

— Outra vez a pilhéria!? Aviso-vos que preciso de aquecer os punhos! — Govnov puxou-lhe pelo braço e tentou acalmá-lo.

— Acalma-te, Evlampy Evstahievich. Tem cuidado com as palavras.

— Cuidado? Que dizes? A revolução foi feita para podermos deixar de ter cuidado.

— Sim... mas é melhor não abusar...

— Porquê?

— Circulam por aí uns boatos...

— Que boatos?

— Uns camaradas terão dito coisas que não deviam sobre os dirigentes do partido...

— E então? Que lhes aconteceu?

— Não sei. Ninguém sabe. Desapareceram... Como se nunca tivessem existido...

O tom sinistro da última frase de Govnov parecia ridículo a Evlampy e não podia deixar de partilhar a consideração.

— Não sejas ridículo.

— É o que dizem.

— É óbvio que são rumores inventados pelos contra-revolucionários. Não te achava capaz de espalhar boatos, Pavel Mitrofanovich. Quem ouvir, pensará que deste em menchevique.

Govnov alisou o bigode com o polegar e o indicador e adoptou um ar convenientemente sisudo, que lhe permitisse disfarçar o incómodo provocado pela insinuação atrás de uma indignação simulada.

— Não te permito que o digas, camarada Oduvanchikov! Sou tão bolchevique como tu ou como qualquer outra pessoa aqui presente — mal acabou a frase, olhou à volta para se certificar de que fora ouvido e de que tinha sido convincente. A indiferença aparente em redor satisfê-lo de igual forma.

— Muito bem...— disse Evlampy, sem querer melindrar mais o amigo. — Sendo assim...

Não disse mais nada porque não o queria fazer. Mesmo que quisesse, Govnov não ouviria. Não só porque a sua atenção fora desviada para a grande varanda do palácio, mas também porque o barulho circundante era ensurdecedor.

Vladimir Ilich ajeitou o sobretudo e o gorro de pêlo e apoiou as mãos no parapeito gelado da varanda. As luvas de cabedal que comprara em Zurique protegiam-lhe os delicados dedos de intelectual do frio cortante. Olhou a multidão e sorriu. "Finalmente", pensou. Depois apercebeu-se de que a sua postura de mãos no peitoril e sorriso triunfante parecia encenada e endireitou-se, passando as mãos para trás das costas. Lev Davidovich estava atrás a limpar os óculos embaciados. Só quando os pôs conseguiu

ver a quantidade de gente que saía para a varanda. Não esperava que fossem tantos. Encolheram-se como puderam até não caber mais ninguém. Alguns dos dirigentes tiveram de ficar de fora. Um dos que coube à justa foi o georgiano Iossif Vissarianovich. Como era de seu feitio, pensou que alguém não o queria ali e não andaria muito longe da verdade se, tanto Lenine como Trotsky, não tivessem mais em que pensar naquele momento. Trotsky. Leon Trotsky. Que nome idiota adoptara o inútil do Bronstein, pensava. O seu, sim, era um nome digno. Estaline. Másculo. Sonoro. Talvez fosse parecido com o do líder, mas se o confundissem com ele, melhor ainda. Mas Trotsky era hediondo. Iossif Vissarianovich detestava menos o nome do que o seu portador. Fazia-o sentir-se estúpido com os seus óculos impertinentes. Mas, um dia, mostrar-lhe-ia que não o era. Um dia...

Lev Davidovich pediu calma e silêncio, gesticulando para a multidão. Levou algum tempo até conseguir o que queria. Quando achou que seria ouvido por, pelo menos, um terço dos presentes, disse:

— Camaradas! Camaradas! Peço silêncio para ouvirmos o camarada Lenine.

Os dois terços da assistência que ainda não se tinham calado sossegaram e, em poucos momentos, a praça estava envolta num silêncio quase sepulcral. Vladimir Ilich passou os dedos cobertos de cabedal suíço pela barba e começou mais um dos muitos discursos que fizera em pouco tempo.

— Operários! Camponeses! Soldados! Proletários! Camaradas! — entre cada palavra deixava um segundo de silêncio que deliciava e empolgava quem o ouvia. — A escravidão acabou! Somos livres!

Os ocupantes da varanda bateram palmas. Os que tinham espaço para erguer os braços, pelo menos. Em baixo, a multidão delirava.

Evlampy Evstahievich estava perfeitamente extasiado. A seu lado, Pavel Mitrofanovich não o estava menos.

— É um grande homem — balbuciava Pavel, quase em lágrimas. Ninguém reparou nem o ouviu, tal era o barulho. Evlampy limitava-se a aplaudir de maneira frenética até lhe doerem as mãos. Um velho com uma criança pequena que lhe chorava ao colo gritou: — Morte ao czar!

Foi o próprio Lenine a pedir silêncio. Ainda mais rapidamente que antes, este foi-lhe concedido. Continuou.

— Vivemos numa época de mudança! Numa época de revolução. — A multidão gritava "Lenine! Lenine!" em coro, por mais que Trotsky e o próprio gesticulassem. Mesmo assim, o discurso prosseguiu: — Hoje, Moscovo e São Petersburgo! Amanhã toda a Rússia! Depois, a Europa e, um dia... — Vladimir Ilich ergueu um punho fechado e gritou: — O MUNDO!

Nada. Silêncio absoluto. Lenine baixou o punho e olhou para baixo. Estavam todos estáticos e mudos a olhar para cima. Mas pareciam não olhar para ele. Virou-se para o lado e perguntou a Lev Davidovich:

— Para onde estão eles a olhar?

Lev Davidovich Bronstein, vulgo Trotsky, não lhe respondeu. Estava boquiaberto, com os olhos postos num ponto acima da varanda e atrás de Lenine. Como ele estavam todos os outros. Estaline, Zinoniev, Rikov, Kamenev, Molotov. Todos com o mesmo ar embasbacado e olhando precisamente o mesmo ponto.

Lenine virou-se e procurou o motivo de tanto espanto. Abriu a boca, arregalou os olhos e assim ficou.

Evlampy Evstahievich vira já muita coisa na vida. Mas nada como aquilo. Govnov pensou em dizer algo mas arrependeu-se e achou melhor não quebrar o silêncio pesado que o rodeava. Até a criança ao colo do velho tinha parado de chorar e olhava.

Depois de muito tentar, Vladimir Ilich conseguiu fechar a boca, mas só para voltar a abri-la e dirigir a palavra a Trotsky, não desviando os olhos do fenómeno.

— Lev Davidovitch?

— Sim?

— Tens explicação para isto?

— Não... — Lev Davidovich queria acrescentar mais qualquer coisa, mas não conseguiu lembrar-se de nada relevante. Tinha perdido, momentaneamente, toda a capacidade de raciocínio.

— Alguém tem?

Ninguém respondeu. Mesmo que alguém tivesse uma explicação, não conseguiriam dizer nada. Estaline estava convencido de que era mais uma maquinação diabólica contra a sua pessoa. Tudo por ser georgiano. Kamenev fechou a boca a tempo de impedir que um fio de saliva lhe escorresse pelo queixo abaixo. Rikov e Zinoniev esfregaram os olhos e olharam um para o outro. Molotov resistiu a uma tentação enorme para se benzer.

— Façam alguma coisa — disse Lenine. Talvez não fosse a coisa mais apropriada a dizer, mas ninguém estranhou. E, antes que alguém pudesse ter feito alguma coisa, a figura falou.

— Arrependei-vos, pecadores.

A voz era suave, mas surpreendentemente potente. Os dois rapazes sentados nas poltronas emprestadas do outro lado da praça ouviram-na de forma tão clara como os ocupantes da varanda. E isto, apesar de um deles estar quase a dormir.

— Como? — respondeu Trotsky.

— Vim para vos salvar — acrescentou a coisa, fosse o que fosse. — Arrependei-vos.

— Mas arrependemo-nos de quê? — quis saber Vladimir Ilich, receando que a interlocutora não tivesse lugar na sua filosofia pessoal. — Queira identificar-se.

A figura abriu os braços e o brilho que dela emanava intensificou-se.

— Eu sou Maria.

— Maria? Maria quê? De onde? — quis saber Lenine. Sentiu um dedo a tocar-lhe no ombro e voltou-se para trás.

— Vladimir Ilich... — Era Lev Davidovich.

— Sim?

A figura interrompeu-os:

— Sou a mãe de Jesus de Nazaré.

Vladimir Ilich não conseguiu evitar o comentário.

— Que disparate! Não é tal coisa.

— Talvez seja... — atreveu-se Lev Davidovich.

— Também tu? Agora alinhas em crendices?!

— Mas que crendices, Vladimir Ilich? Está à nossa frente... Tu vê-la tão bem como eu e qualquer uma das pessoas aqui presentes.

— Crendices! — insistiu Lenine e virou-se para a figura. — Se já disse tudo o que tinha a dizer, vá à sua vida, camarada.

— Vim para anunciar a conversão da Rússia — foi a resposta.

— Conversão? — repetiu Vladimir Ilich.

— Conversão?— ecoou Lev Davidovich.

— Conversão a quê? — acrescentou Vladimir Ilich.

A figura respondeu. Mas, se perguntassem a Vladimir Ilich qual fora a resposta, não saberia dizer. A sua cabeça habituada a conceber revoluções e a escolher as palavras certas para empolgar massas estava demasiado ocupada a procurar uma explicação racional para o que tinha à sua frente. De preferência, uma explicação que se encaixasse na doutrina que pregava há anos. No entanto, para o resto dos presentes, a resposta não podia ter sido mais clara.

— Com licença! Deixem-me passar! É urgente! — Evlampy Evstahievich via-se outra vez forçado a abrir caminho. Parecia mais fácil porque o estado de perplexidade geral permitia desviar qualquer pessoa, por mais corpulenta que fosse, com um gesto mínimo. Govnov corria atrás dele. Para alguém que quase perdera uma perna no assalto ao palácio de Inverno e que coxeava, Evlampy movia-se muito depressa. Sobretudo para a constituição física de Pavel Mitrofanovich. Os momentos de fome passados na infância foram vingados (e de que maneira) com os repastos opíparos da idade adulta. Os efeitos de tanto comer e melhor beber faziam-se sentir e o pobre Govnov ofegava e transpirava sem perder a determinação de impedir que o amigo fizesse um disparate.

— Evlampy! Evlampy! — ia gritando, tentando alcançá-lo. Mas Evlampy não o ouvia. Decidido como estava, só pararia à frente da multidão, por baixo da varanda.

— Evlampy! Não digas nada! — insistia Govnov, ofegando cada vez mais. Foi ouvido daquela vez, mas o resultado seria exactamente o mesmo. Evlampy Evstahievich Oduvanchikov, neto de Alexei

Sergueievich Oduvanchikov, o carroceiro de Novgorod enforcado pela polícia do czar por ter escolhido alimentar a numerosa prole em vez de pagar os impostos devidos, diria o que lhe passava pela ideia, sem pensar nas consequências para si ou para os seus. Era inaceitável enganarem as pessoas daquela maneira. Tanto que tinha lutado e sofrido por uma causa e, afinal, não passava de uma mentira? Mas as coisas não ficariam assim, pensava enquanto se ia acotovelando para chegar à frente. Deviam-lhe um esclarecimento.

— Não pode ser! Nada feito! — berrou Vladimir Ilich, virando as costas à figura. — Não aceitaremos!

— Não me parece que esteja disposta a negociar — disse Trotsky a medo.

A figura voltou a falar, mantendo a mesma serenidade.

— Nada temam. Porque os males cometidos nesta terra serão remediados e a Rússia voltará ao seio da cristandade.

Não restavam palavras a Lenine. Apesar da longa experiência como orador, nada o preparara para argumentar com figuras flutuantes. De qualquer forma, resolveu tentar.

— Ouça, nós não estamos interessados em voltar a lado nenhum. Lutámos muito para chegar aqui e...

— Camaradas. — A voz vinha de baixo. Vladimir Ilich debruçou-se. Trotsky imitou-o e os outros não lhe quiseram ficar atrás. Apenas a figura parecia alheia à agitação.

Govnov desistira. Era tarde demais. O imbecil do Oduvanchikov que se safasse como quisesse e pudesse. A ele só lhe restava observar. Mas estava a seu lado. Tal postura podia ser vista como sendo de apoio ao que Evlampy fosse dizer. E isso não era bom, pensou, alisando o bigode. Talvez fosse melhor marcar uma certa distância. Mas sem exagerar, claro. Não queria que pensassem que estava a abandonar o amigo. Deu um passo ao lado. Inspirou fundo e deu dois passos para trás. E outro. E mais um para o lado. E outro para trás. Depressa, as preocupações desapareceram e Govnov estava novamente no meio da multidão. À frente, sozinho e sem dar por isso, Evlampy continuava.

— Camarada Vladimir Ilich. Se me dá licença...

Lenine via que as coisas começavam a compor-se. Um proletário genuíno com a coragem de se dirigir directamente à figura e de lhe dizer o que pensava. Que não acreditava. Que não precisava. Que não queria. Que a revolução, o trabalho e a doutrina lhe chegavam para ser feliz.

— Faz favor de dizer, camarada. O teu nome?

— Evlampy Evstahievich Oduvanchikov, camarada.

— De onde és?

— De Novgorod.

Ao dizer isto, Evlampy lembrou-se de que talvez fosse apropriado tirar o chapéu e assim fez. Por mais revoluções que se façam e por mais barreiras que se destruam, existem preceitos que será bom nunca alterar.

— Muito bem. Diz o que pensas.

Lenine manteve-se debruçado, virando os olhos para a figura que permanecia imóvel e silenciosa. Sorriu.

— Queria saber se os camaradas acham bem terem mentido ao povo durante todo este tempo.

Lenine continuou a sorrir e a olhar para cima durante os milésimos de segundo que o seu cérebro levou a interpretar aquelas palavras. Virou-se para baixo e viu Evlampy olhá-lo, submisso, apertando o chapéu entre as mãos e aguardando uma resposta. Uma onda de burburinho percorria a multidão enquanto os da frente iam transmitindo o que se dizia aos de trás. Até Govnov participou. Começava a ficar intrigado.

— Importa-se de repetir? — perguntou Trotsky.

Evlampy ganhou fôlego e preparou-se para repetir.

— Queria saber se...

— Eu ouvi — interrompeu Lenine. — Não é necessário repetir.

Evlampy calou-se e torceu o chapéu. Lenine continuou.

— A enganar o povo? Nós? Deves estar enganado. Tudo o que fizemos e fazemos foi, é e será sempre para bem do povo. — Noutras circunstâncias, tal frase teria arrancado os maiores aplausos à multidão reunida na praça. Mas não foi o caso.

— Abençoados os que... — Finalmente, a figura decidia pronunciar-se. Lenine voltou-se para ela. Naquele momento, tinha um assunto mais urgente para solucionar. Trataria da aparição mais tarde.

— Um momento, se não se importa — disse-lhe. — Já falo consigo.

A figura calou-se e Lenine voltou a debruçar-se.

— Não estou a perceber onde queres chegar, camarada.

Evlampy começou a ficar nervoso. O chapéu estava já completamente torcido nas mãos. Era necessário que dissesse alguma coisa mas não sabia o quê.

— É que...— Não era aquilo. Resolveu tentar outra vez. — O problema é... — Também não. Mais uma tentativa. — E aquela conversa de a religião ser uma invenção dos burgueses para enganar e assustar o povo? — Era isto.

Atrás de Evlampy, a multidão começava a perceber onde este queria chegar. Na varanda, os altos dirigentes do partido também.

— Tem uma certa razão — desabafou Trotsky.

— Não! Não tem! — contestou Lenine. Mas tinha. Uma das coisas que mais lhe custara fora convencer os russos pobres e analfabetos de que Deus era uma falácia e de que não precisavam de viver

subjugados por uma mentira. Mas e agora? Que haveria de dizer com parte fundamental da falácia flutuando poucos metros acima da sua cabeça?

Como não dizia nada. Evlampy atreveu-se a continuar.

— Queimei os ícones da família. Fiz chorar a minha mãe que ainda hoje não esqueceu. Apesar de ser também uma grande revolucionária, claro —acrescentou a ressalva a tempo. — E, afinal, os padres tinham razão. O que será de nós agora?

— Sim, o que será de nós agora?! — gritou alguém entre a multidão.

— Vamos todos para o inferno! — respondeu alguém.

— Mentirosos! Mentirosos! — começaram a gritar. Em pouco tempo, todos, com a excepção de Govnov e dos dois rapazes na varanda, que tinham adormecido, gritavam o mesmo.

Trotsky voltou a pedir silêncio por gestos. Desta vez, levou mais tempo a consegui-lo.

— Tem de haver ordem — disse. E o sítio onde a ordem mais fazia falta era dentro da sua cabeça. O pobre Lev Davidovich não sabia o que pensar.

— O que dissemos continua a ser válido — disse Lenine.

— Então e a... a... senhora? — quis saber Evlampy, apontando a figura brilhante.

Lenine inclinou-se para Trotsky e segredou-lhe:

— Lev Davidovich, livra-nos desta.

Mas Lev Davidovich não estava em condições de livrar ninguém. Mesmo assim, arriscou.

— Camaradas! Não vamos renunciar a tudo o que conseguimos! Lembrem-se do que lutaram! Lembrem-se do que sofreram! Lembrem-se do tempo que passaram a sonhar com a liberdade. Querem perder todas as nossas conquistas?

Lenine estava impressionado. Os outros ocupantes da varanda idem. Realmente, Trotsky tinha um talento especial para apelar ao coração do homem comum.

— Tragam de volta o czar! — foi a resposta, gritada por alguém e repetida por muitas outras vozes. Até o velho com a criança ao colo a repetia, tendo esquecido que exigira antes a morte do soberano deposto.

A situação piorava a cada segundo. Lenine via o seu sonho desmoronar-se. E tudo por causa dela. Virou-se, olhou para cima e encarou-a. Continuava serena e brilhante. E silenciosa. Irritava-o. Que falasse e não se limitasse a ficar ali a pairar! Apeteceu-lhe atirar-lhe uma pedra ou qualquer outra coisa. Mas achou melhor não o fazer. Podia ser perigoso. E também não tinha nada que pudesse usar como projéctil.

— E agora? — Perguntou. Vladimir Ilich começava a desesperar. Não se lembrava da última vez na sua vida que tinha estado numa situação daquelas. Talvez por nunca ter acontecido.

Lev Davidovich olhou para as botas. Botas de operário. Não usava outras. Rikov olhou para cima. Parecia-lhe ter visto um pássaro. Kamenev tirou o gorro de pêlo e coçou a cabeça. Zinoniev olhou a

multidão que os apupava. Molotov encolheu os ombros e, lá no canto em que se mantivera, Iossif Vissarianovich Estaline parecia reluzir. Quase tanto como a figura que pairava.

— Vladimir Ilich — disse. — Acho que tenho uma solução.

Voltaram-se todos para o olhar. O georgiano a tomar a iniciativa? Coisa nunca vista. Lenine aceitaria qualquer coisa.

— Sim?

E Estaline continuou.

— Propunha que a ignorássemos.

Trotsky soltou uma gargalhada. Os outros imitaram-no. Os únicos que não riam eram Lenine e o próprio Estaline, que começava a arrepender-se de ter assumido tamanho protagonismo.

— Como propões tu que a ignoremos quando toda a gente a vê?

— É muito simples, Vladimir Ilich. Fazemos de conta que não aconteceu nada. Apagamo-la das nossas memórias e proibimos qualquer registo ou referência futura ao que aqui se passou.

Os que antes se tinham rido entreolharam-se com espanto. O mais estarrecido era Trotsky. O georgiano malcheiroso tinha produzido uma ideia válida!

Lenine passava os dedos pela barba e parecia fazer cálculos complicados perante o ar expectante dos outros e, sobretudo, de Estaline.

— Ou seja — disse finalmente. — Sugeres que se finja que isto — e apontou a figura — nunca aconteceu?

— Precisamente — respondeu Estaline.

— E eles? — Lenine apontava a multidão

— Há formas, Vladimir Ilich — disse Estaline, assumindo uma expressão que conseguia sempre assustar os que o rodeavam ou, no mínimo, deixá-los bastante desconfortáveis. Foi o que sucedeu.

— Protesto! — disse Trotsky, elevando a voz. — Não podemos permitir tal coisa, camaradas. — Dirigia-se agora aos outros ocupantes da varanda. — Lutámos para libertar o povo de uma opressão e vamos submetê-lo a outra?

Estaline estava muito próximo de empurrar Trotsky da varanda abaixo. Não o fez.

— Parece-me ser a única solução possível, Lev Davidovich — disse Lenine, calmamente.

— Não! Há sempre alternativas.

— Tais como?

— Tais como... — Naquele preciso momento, Lev Davidovich Bronstein e o seu alter-ego, Leon Trotsky, perceberam que tinham encurralado o raciocínio num beco e que não havia maneira de o tirar de lá. Restava tentar trepar uma parede. — Tais como admitir que estávamos enganados quanto à religião.

— Impossível! Iríamos contra princípios fundamentais de Marx e Engels, camarada.

Vladimir Ilich nunca tratava o seu colega e amigo por "camarada". Trotsky baixou os olhos e voltou a erguê-los para encarar os de Lenine.

— De qualquer maneira, protesto.

— O protesto fica registado, Lev Davidovich — prosseguiu Lenine. — Então, está decidido.

— Assim parece — atreveu-se Iossif Vissarianovich, orgulhoso com o que conseguira.

Lenine voltou-se e olhou a figura.

— Ouviu? Não estamos interessados. Vá pregar o seu veneno para outro sítio.

— Cumpra-se a vontade do Espírito Santo — respondeu a figura.

Lenine olhou Trotsky, que continuava cabisbaixo, e para o georgiano. Voltou a virar-se para a figura. Mas esta já lá não estava. Tinha desaparecido tão rápida e silenciosamente como chegara. Entre a multidão ondulava agora um "OOOH!" de espanto.

— Assunto resolvido — disse Lenine, batendo as mãos. De repente, lembrou-se de algo. Olhou para baixo e viu que Evlampy continuava no mesmo sítio, olhando para cima e torcendo o chapéu. A diferença era a substituição da expressão de desconforto por um misto de medo e incompreensão. — E este? — perguntou a Estaline.

— Sei exactamente como poderemos auxiliá-lo — foi a resposta.

Nesse momento, Trotsky deixou a varanda e voltou para dentro.

Govnov chegara-se novamente à frente da multidão. Lá em cima, Lenine, Trotsky e os outros falavam sem ser ouvidos. Evlampy continuava no mesmo sítio. Lenine debruçou-se sobre o parapeito da varanda e dirigiu-se às massas. Explicou o que se passara. Uma alucinação. Nada mais que isso. Uma alucinação sem importância, racionalmente explicada e nem merecendo sequer que se falasse nela.

À volta de Govnov, os comentários multiplicavam-se. Teria sido uma alucinação? Não. Todos tinham visto. Mas era difícil de acreditar. Sim. Fora uma alucinação. Uma alucinação colectiva. Acontecera antes. Contavam-se histórias de casos semelhantes. Sim. Como dizia o camarada Lenine, a euforia pregava partidas ao juízo dos homens. Era perfeitamente normal e racional.

Até a Evlampy a explicação começava a convencer. Mas não teve muito tempo para amadurecer esse convencimento. Três elementos da segurança pessoal dos altos dirigentes aproximaram-se e levaram-no, arrastado, para fora dali. Govnov assistiu sem fazer nada. Sem dizer nada. Não havia nada que pudesse fazer ou dizer. Aliás, nem sabia que razão existiria para fazer ou dizer alguma coisa. Tinha vindo ali para ouvir o camarada Lenine e para comemorar a liberdade recém-adquirida. Convidara alguns amigos e conhecidos, mas nenhum se dispusera a acompanhá-lo, preferindo o conforto das suas lareiras ao frio daquela praça. Mesmo assim, ali estava. Sozinho. Mas eis que Lenine se preparava para continuar o seu discurso. A multidão aplaudia freneticamente e gritava palavras de ordem. Govnov era um homem comedido mas não se conteve.

— Viva a revolução!—gritou.

Sobre o autor:

Renato Carreira nasceu no planeta Terra no final do segundo milénio contado a partir do nascimento de Jesus Cristo. Até à data, ninguém o considera messias de qualquer religião, mas mantém as esperanças. Enquanto não lhe é reconhecida veia messiânica, vai-se ocupando como pode. Mantém o e-zine satírico inÉpcia desde 2001 e, ao longo da década, conseguiu enchê-lo com palavras suficientes para alimentar duas compilações em papel. Escreveu também História de Portugal – Director's Cut, relatando a história portuguesa desde os antecedentes da nacionalidade até aos nossos dias de uma forma que não seria aprovada por nenhum historiador digno do nome. O Fim Chega Numa Manhã de Nevoeiro é o seu segundo romance. O primeiro, contendo uma fórmula infalível para tornar Portugal um país rico e desenvolvido, está fechado a sete chaves e só será publicado mil anos depois da sua morte.

Outros títulos de Renato Carreira em Smashwords.com.